



CIRCUITO ESPACIAL PRODUTIVO: NOTAS INTRODUTÓRIAS PARA O ENTENDIMENTO DO CONCEITO E SUBSÍDIOS PARA O ESTUDO DO CIRCUITO ESPACIAL DA PIMENTA DO REINO EM CAMETÁ-PA¹

Raíssa Lopes Paes ²

Bendito Ely Valente da Cruz ³

RESUMO

A teoria dos circuitos espaciais de produção ou simplesmente circuitos produtivos enfatiza as etapas que um determinado produto passa até atingir seu estágio final de consumo (SANTOS, 1988 [2014b]) sendo assim um produto, desenvolvido localmente, é consumido em diferentes regiões do globo. Dado esse distanciamento espacial os fluxos materiais e/ou imateriais são essenciais no entendimento da dinâmica entre produção e consumo. Deste modo, por meio da revisão bibliográfica, coleta secundária e primária de dados (MARCONI; LAKATOS, 2003) o presente artigo pretende apresentar conceitualmente a teoria dos circuitos produtivos e, ao final, encontrar subsídios para o estudo do circuito espacial da pimenta do reino em Cametá-PA e sua dinâmica de funcionamento. Cametá é um importante centro de produção de pimenta do reino do Tipo 1: pimenta preta seca e por ser uma *commodity* a pimenta do reino produzida no município é destinada, exclusivamente, para o mercado agroexportador. Este circuito envolve agentes como produtores familiares, intermediários e empresas especializadas na exportação do produto, a dinâmica de funcionamento deste circuito tem provocado a manutenção e/ou reprodução de uma estrutura da dominação econômica e política de pouca mobilidade social, favorecendo os agentes hegemônicos do capital

Palavras-chave: Produção, Circulação, Piper Nigrum L., Circuitos.

RESUMEN

La teoría de los circuitos espaciales de producción o simplemente circuitos productivos enfatiza los pasos que atraviesa un producto dado hasta que alcanza su etapa final de consumo (SANTOS, 1988 [2014b]) y así un producto desarrollado localmente se consume en diferentes regiones del globo. Dada esta distancia espacial, los flujos materiales y / o inmateriales son fundamentales para comprender la dinámica entre producción y consumo. Así, a través de la revisión de la literatura, recolección de datos secundarios y primarios (MARCONI; LAKATOS, 2003) este artículo pretende presentar conceptualmente la teoría de los circuitos de producción y, en definitiva, encontrar subsidios para el estudio del circuito espacial de la pimienta negra en Cameta. PA y su dinámica de trabajo. Cametá es un importante centro de producción de pimienta negra Tipo 1: pimienta negra seca y, como commodity,

¹ Este artigo é parte do levantamento de dados da dissertação de mestrado em desenvolvimento na linha de pesquisa Análises socioespaciais e territoriais do campo na Amazônia, do Programa de pós-graduação em Geografia (PPGG) da Universidade do Estado do Pará (UEPA), sob a orientação do professor Dr. Bendito Ely Valente da Cruz (UEPA). A pesquisa conta com bolsa de financiamento da Fundação Amazônia de Amparo a Estudos e Pesquisas do estado do Pará (FAPESPA).

² Mestranda do Curso de Pós-graduação em Geografia (PPGG) da Universidade Estadual do Pará-UEPA, raissapaes2015@gmail.com.

³ Doutor em Geografia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita-UNESP. Professor Assistente IV da Universidade do Estado do Pará -UEPA, bvalente7@uepa.br.



la pimenta negra producida en el municipio se destina exclusivamente al mercado agroexportador. Este circuito involucra a agentes como productores familiares, intermediarios y empresas especializadas en la exportación del producto. La dinámica del funcionamiento de este circuito ha propiciado el mantenimiento y / o reproducción de una estructura de dominación económica y política de escasa movilidad social, favoreciendo los agentes hegemónicos del capital.

Palabras clave: Producción, Circulación, Piper Nigrum L., Circuitos.

INTRODUÇÃO

Movimento/circulação/fluxo são palavras sinônimas de mobilidade e expressam tudo aquilo que se move ou é deslocado para algum lugar. Estes fluxos transportam informações, capitais, valores, ordens, em alguns casos doenças⁴, e também mercadorias, como é o caso dos circuitos espaciais produtivos, conceito originalmente desenvolvido pelo MORVEN (BARRIOS; 1980; ROFMAN, 1980), operacionalizado por Milton Santos (SANTOS, 1986; 1988; SANTOS E SILVEIRA, 2001) e que mais tarde foi incorporado e desenvolvido por autores como MORAES (1985) ARROYO, (2008) CASTILLO; FREDERICO, (2010), DANTAS, (2016) e demais outros.

De acordo com Castillo e Frederico (2010) com a mundialização da produção os chamados fluxos materiais e imateriais⁵, tendem a ser mais intensos e extensos. Este alargamento dos contextos tem possibilitado maior uso da teoria dos circuitos espaciais no entendimento da dinâmica entre produção e consumo, que agora já não é exclusivamente local e sim global.

Tendo em vista isso nosso objetivo neste artigo é realizar uma discussão teórica sobre o conceito de circuitos espaciais produtivos e por fim utilizá-lo como subsídios no estudo do circuito espacial da pimenta do reino em Cametá-PA.

Para atingir o objetivo proposto, foi realizado o levantamento bibliográfico (MARCONI; LAKATOS, 2003) a qual dá sustentação a discussão teórica com seleção de autores que consideramos essenciais no entendimento do conceito. De cunho quali-quantitativo, paralelamente à revisão bibliográfica, valemo-nos da coleta de dados primários⁶, realizada em duas vilas produtoras de pimenta do reino em Cametá.

⁴ Quanto a isso tem-se como exemplo a pandemia do COVID-19. A circulação maciça de pessoas foi um fator agravante da situação, levando a propagação do vírus em curto período de tempo, gerando impactos na economia, política, no emprego e principalmente a vida.

⁵ Santos e Silveira (2001) definem os *fluxos materiais* como a circulação de matéria palpável (pessoas, mercadoria e etc.) enquanto os *fluxos imateriais* referem-se à circulação de “bens” imateriais (mensagens, ordens, capitais e etc.)

⁶ Coleta de informações realizadas no pré-campo na vila de Bom Jardim- Cametá/PA, em maio de 2021 e em Proto Grande em outubro de 2021.



A coleta de dados secundários deu-se nos sites do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), por meio do portal do Sistema de Recuperação Automática IBGE (SIDRA), COMEXSTAT portal de estatísticas do comércio exterior, plataforma digital do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MIDIC), TRADE MAP, portal de estatísticas comerciais internacionais do *International Trade Centre*, FAOSTAT portal de banco de dados da FAO- Food and Agriculture Organization of the United Nations e da base de dados do Observatory of Economic Complexity (OEC), com o objetivo de trazer dados a respeito do circuito espacial da pimenta do reino, estes foram tabulados e organizados em planilhas e para representação cartográfica utilizou-se o programa Qgis.

O artigo está estruturado da seguinte maneira, na primeira seção foi realizado uma discussão teórica-conceitual sobre os circuitos espaciais de produção que fundamentam a pesquisa. Na segunda seção faz-se apontamentos gerais sobre a inserção do Brasil na dinâmica produtiva mundial da pimenta do reino e no Brasil enfocando as UF's do Espírito Santo e Pará, e por fim, reuniu-se elementos da dinâmica de funcionamento do circuito espacial produtivo da pimenta do reino no município de Cametá⁷.

Um itinerário sobre o referencial teórico do conceito de Circuito espacial produtivo

A base de entendimento dos circuitos espaciais produtivos, como o próprio nome deixa explícito está na compreensão do processo produtivo pela condição espacial. Deste modo tem-se de um lado o processo produtivo que é próprio da economia (2008)⁸ e a unidade espacial que é próprio objeto de estudo da geografia: o espaço geográfico. Cumpre deixar claro que o conceito de espaço aqui defendido é a da perspectiva miltoniana, vista como um conjunto indissociado de sistema de objetos e de ações (SANTOS, 2014b), como instância da sociedade (SANTOS, 2014a) e condição *sine qua non* da (re) produção social. Dito isso, a condição de realização dos circuitos é a espacial (DANTAS, 2016).

O conceito dos circuitos espaciais produtivos foi originalmente elaborado no projeto MORVEN - Metodología para el diagnóstico regional⁹ e desenvolvido na década de 1980 pelo CENDES- Centro de Estudios del Desarrollo Venezuela. A partir daí autores do MORVEN

⁷ É importante destacar que os dados aqui apresentados são parciais, haja vista que a pesquisa se encontra em estágio inicial de coleta, por isso tendem a sofrer alterações conforme o avanço da pesquisa.

⁸ Nos referimos ao texto *Introdução à contribuição para a crítica da economia política* de Karl Marx, tendo seus primeiros rascunhos publicados originalmente em 1859, a versão aqui citada é a completa publicada pela editora Expressão Popular, 2ª edição, São Paulo, 2008.

⁹ O MORVEN- *Metodología para el diagnóstico regional* é composto pelos textos *Dinamica social y espacio* (BARRIOS, 1978), *Notas sobre sub-sistemas espaciales y circuitos de acumulacion regional* (ROFMAN, 1978) e *Metodologia socio-politica del MORVEN* (MORENO; CARIOLA, 1978) (SANTOS, 1986).



chegaram ao que se denominou de *circuitos regionais de acumulação*¹⁰ mas, de acordo com Moraes (1985) bem antes de ser uma discussão própria da geografia, na economia, a temática já encontrava em Karl Marx¹¹ alguns pressupostos teóricos.

Pois, para Marx (2008) a produção precisava ser vista como um conjunto associado de etapas produtivas (produção-distribuição-troca-consumo) que se traduz na circulação da mercadoria. Ao considerar a circulação parte do processo produtivo, Marx (2008) já antecipava a noção do conceito de circuito espacial, de onde advém o sentido do circuito e circularidade (MORAES, 1985).

Partindo desse pressuposto, Antônio Carlos Robert de Moraes, complementa a discussão e a luz da geografia, reafirma que o interesse da disciplina está na espacialidade das etapas produtivas que seria a própria divisão espacial do trabalho em escalas que abrangeriam o local até o macro-global (MORAES, 1985). Em sua perspectiva:

[...] discutir os circuitos espaciais da produção é discutir a espacialidade da produção-distribuição-troca-consumo como movimento circular constante. Captar seus elementos determinantes é dar conta da essência de seu movimento (MORAES, 1985, p.4).

Em Moraes (1985) pode-se perceber que o termo espacialidade confere a geografia elemento essencial de análise, identificar/localizar onde essas etapas se realizam e de que forma são articuladas entre si. Diante dessa breve apresentação, é importante destacar é que Milton Santos é quem vai da corporiedade e visibilidade a essa discussão à escola brasileira de geografia, nos livros: Espaço e Método (1985 [2014a]); A construção do espaço (1986); Metamorfoses do Espaço Habitado (1988 [2014b]) e Brasil: Território e Sociedade no século XXI (2020).

No livro A construção do Espaço (1986), Milton Santos, se vale da definição de Barrios (1980), de onde provém a ideia central do conceito, sua crítica ao MORVEN estava no fato de que os circuitos, até então chamados de circuitos regionais de acumulação, deveriam ser vistos em escalas mais amplas, daí o termo apropriado a se usar seria *circuito espaciais de produção*.

¹⁰ “É através dessa tentativa de compreender e especificar como vão interagindo os distintos agentes produtivos sobre o espaço, objetivando maximizar sua capacidade de acumulação, que se esboça uma nova metodologia para a estruturação dos diagnósticos regionais” (BARRIOS, 2014, p. 353).

¹¹Moraes (1985) parte da leitura do texto *Introdução à contribuição para a crítica da economia política* de Karl Marx, para exemplificar que apesar de não o terem declarado explicitamente de circuitos espaciais, o autor fornece indicações essenciais para o conceito na ciência geográfica, principalmente quando fala de produção e circulação..



Partindo do MORVEN o autor propõe três tipos de circuitos a serem analisados os *circuitos de ramos de produção, circuitos de firmas e circuitos territoriais*¹² que se resumiriam em um único circuito, o circuito espacial produtivo. Este, por sua vez:

[...] nos dão a *situação relativa* dos lugares, isto é, a definição, num dado momento, da respectiva fração do espaço em função da divisão do trabalho sobre o espaço total de um país. Aí se conjugam as relações de produção social, que os circuitos de ramos tipificam, as relações de produção do passado, mantidas ou rejuvenescidas pelas relações atuais representadas por relíquias ou heranças, tanto na paisagem quanto na própria estruturação social (SANTOS, 1986, p. 130).

No livro *O espaço e Método*, Santos (2014a) considera os circuitos espaciais produtivos como sinônimo da organização do espaço ou a própria organização espacial da produção. O autor enfatiza, ainda, que os circuitos produtivos em sua aparência espacial podem até apresentar-se de forma desagregada, todavia mantém-se articulados mediante a circulação que lhes é própria.

No livro *Metamorfoses do Espaço Habitado* (2014b) ao propor uma renovação das categorias de análises da geografia, haja vista que os conteúdos estão em permanente mudança, volta a citar os circuitos produtivos, destacando que:

O mundo encontra-se organizado em subespaços articulados dentro de uma lógica global. Já não podemos falar de circuitos regionais de produção. Com a crescente especialização regional, com os inúmeros fluxos de todos os tipos, intensidades e direções, temos de falar de circuitos espaciais da produção (SANTOS, 2014b p. 56).

Se torna mister entender, portanto, que a ideia central dos circuitos produtivos está nas etapas se seguem desde o ato de produzir em si até o consumo final (produção total) (SANTOS, 2014b). O “x” da questão está no fato de que não poderíamos falar de circuitos regionais em um período em que há uma separabilidade espacial das etapas produtivas, o que proporcionou a inserção de diferentes localidades em circuitos espaciais mundiais, aumentando seu grau de dependência a lugares distantes de sua região imediata. Diante disso, entendemos o porquê Santos (2014a) afirmar que o essencial não está em produzir em quantidade elevadas mas, em “transformar as *massas* produzidas em *fluxos*” (p.83).

Outros autores de igual importância na temática são Ricardo Castillo e Samuel Frederico, em artigo publicado na revista *Sociedade & Natureza*, também, realizam uma discussão teórica a respeito deste conceito. Para os autores o circuito espacial “[...] pressupõem a circulação de matéria (fluxos materiais) no encadeamento das instâncias geograficamente separadas da produção, distribuição, troca e consumo, de um determinado produto, num movimento permanente [...]” (CASTILLO; FREDERICO, 2010, p. 464). Concluem que os

¹² Circuitos por ramos de produção (localização das atividades e lugares específicos onde ocorrem); Circuitos de firmas (relações econômicas empresariais entre as escalas); Circuitos territoriais (uso do território pelos ramos produtivos e firmas) (SANTOS, 1986).



interessados na temática dos circuitos espaciais produtivos devem atentar para a atividade predominante, os agentes envolvidos, a logística, a organização e uso do território (CASTILLO; FREDERICO, 2010).

Ainda segundo os autores, a teoria dos circuitos espaciais produtivos conceitualmente se aproximaria de cadeias produtivas, mas como a segmentação geográfica das atividades estão organicamente articuladas no espaço, confere a este um papel ativo na (re) produção da sociedade e não, apenas, a repartição de atividades empresariais como é caso das cadeias produtivas¹³ (CASTILLO; FREDERICO, 2010).

É importante destacar a atuação associada aos circuitos produtivos dos círculos de cooperação no espaço (CCOOP), estes por sua vez, são as trocas imateriais, “isto é, capitais, informações, mensagens, ordens” (SANTOS; SILVEIRA, 2020, p. 144). Deste modo um circuito espacial é a própria circulação da matéria, enquanto os círculos de cooperação é a comunicação consubstanciada entre os agentes pelo fluxo informacional (DANTAS, 2016).

Neste relatório de leitura outra autora que merece destaque é Monica Arroyo, para a autora os circuitos produtivos podem apresentar-se de forma concentrada ou dispersa, ou seja, ter início e fim em um único sub-espço ou abranger inúmeras frações territoriais. Além disso empresas de diferentes tamanhos podem atuar em um circuito estando presente em diferentes frações do território por meio da circulação (ARROYO, 2008).

O conjunto de autores aqui revisados podem ser assim classificados: **Grupo 1** – Os precursores da teoria e **Grupo 2** – Os sucessores da teoria. No grupo 1 estariam aqueles que se empenharam no esforço teórico-metodológico da construção direta do conceito são eles: Sonia Barrios (1980), Alejandro Rofman (1980), Antônio Carlos Robert de Moraes (1985) e Milton Santos (1985; 1986; 1988; 2020)¹⁴. No grupo 2 pertencem autores revisados que são contemporâneos e com trabalhos recentes sobre a temática: Mônica Arroyo (2008), Ricardo Castillo e Samuel Frederico (2010), Aldo Dantas (2016) dentre outros.

Diante do exposto pode-se inferir que um circuito espacial produtivo é um fluxo que sai de um ponto A (produção) e vai até um ponto B (consumo), sua organização espacial se dá pela produção-distribuição-troca-consumo, que embora esteja implicitamente atribuída ao conceito,

¹³ De acordo com Castillo e Frederico (2010) cadeia produtiva e circuito espacial de produção compartilham de pressupostos teóricos, a diferença entre os dois está no tratamento ao objeto de estudo, o enfoque das cadeias produtivas está nas empresas (distribuição de atividades empresariais), enquanto que o circuito espacial enfoca o espaço geográfico (distribuição espacial das atividades).

¹⁴ Não consideramos parte desse grupo Karl Marx (2008), apesar de apresentar-se como leitura complementar, não menos importante, não participa da formulação direta deste conceito na geografia.



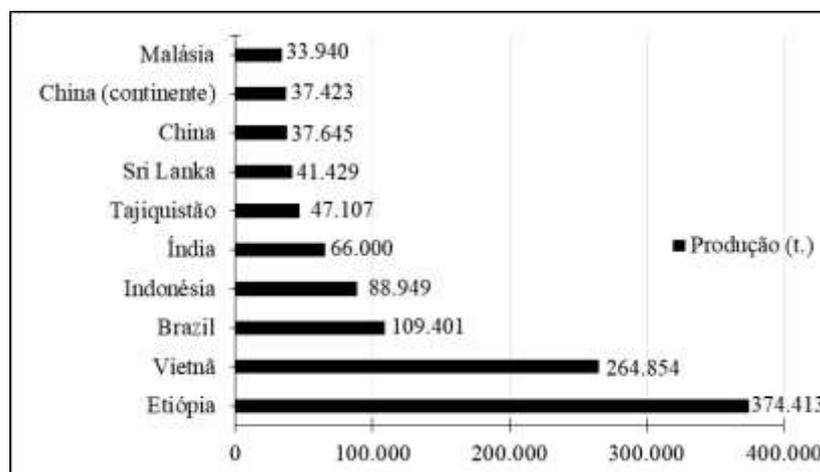
é preciso identificá-las, sem a qual o entendimento da dinâmica dos fluxos ficaria comprometida.

No caso em questão, tem-se como ramo produtivo a ser analisado a pipericultura, atividade agrícola permanente desenvolvida, principalmente nas regiões norte e sudeste do Brasil. A **Piper Nigrum L.**, popularmente conhecida como pimenta do reino é um produto que possui uma circularidade mundial, ou seja, é pauta de exportação, pertencendo ao comércio de *commodities*. O Brasil é um dos principais produtores de pimenta do reino no mundo, desta forma, surge a necessidade de situá-lo dinâmica da circulação mundial deste produto, a organização espacial interna da produção no Brasil, no estado do PA e como se dá a dinâmica de produção em Cametá-PA, discussão que faremos a seguir nas próximas seções.

O Brasil na dinâmica produtiva mundial da pimenta do reino

A formação da especialidade produtiva da pimenta do reino no estado do Pará possibilitou a inserção do Brasil na dinâmica produtiva mundial desta especiaria, adentrando a Divisão Internacional do Trabalho (DIT) como produtor de grão, suprindo a cadeia produtiva global deste mercado, o país é, hoje, o terceiro maior produtor de pimenta, antecedido pela Etiópia e Vietnã (FAOSTAT, 2021) (Gráfico 1).

Gráfico 1. Gráfico dos 10 maiores produtores de pimenta do reino no mundo*

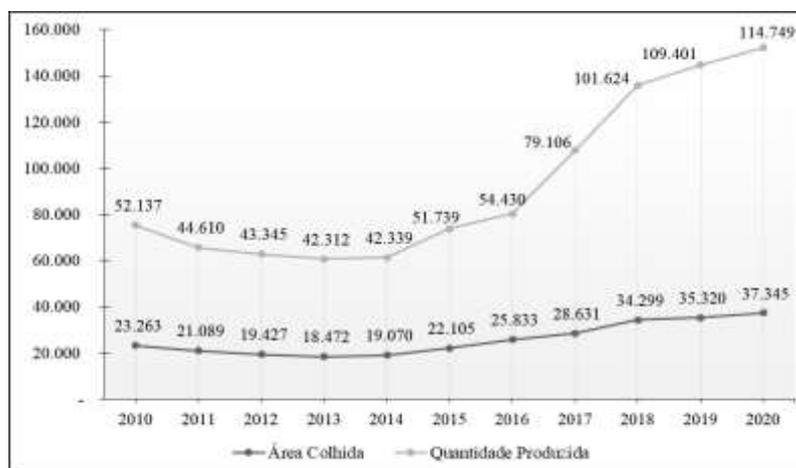


Fonte: FAOSTAT, 2021. *Os dados atualizados até o ano de 2019

Nesta última década (2010-2020), o número de áreas colhidas, no Brasil, têm aumentado gradualmente, saltando de 23.263 ha em 2010 para 37.345 ha, totalizando 114.749 mil toneladas do produto em 2021 (Gráfico 02).



Gráfico 02. Quantidade produzida (t.) e área colhida (ha) de pimenta do reino no Brasil (2010-2020)



Fonte: IBGE- Produção Agrícola Municipal, 2021.

O aumento da produtividade brasileira pode ter duas importantes explicações:

1. A pipericultura ter acompanhado o ritmo de crescimento do agronegócio brasileiro, o que pode ter proporcionado melhoramento do nível técnico da atividade (uso de sistemas de irrigação; inserção de instrumentos de trabalhos mecanizados na fase de beneficiamento: debulhadores elétricos); Uso intensivo de fertilizantes e insumos (Calcário, Farinha de Osso, Torta de Mamona; NPK); Assistência técnica-agrícola; Manejo e cuidados na atividade; Linhas de créditos (FNO e PRONAF); Variedade de espécies cultivadas; entre outras.
2. Expansão das áreas de cultivo e do total produzido pelo estado do Espírito Santo, que veremos a seguir.

Na condição de grande produtor, o Brasil assume também protagonismo na exportação do produto representando 14,5% das exportações mundiais, ficando atrás somente do Vietnã maior exportador com 45,5% do total mundial. Os principais importadores dessa especiaria a nível mundial, em ordem de importância, são os Estados Unidos da América (14,1%), China (11,2%), Índia (9,43%), Alemanha (7,71%) e o próprio Vietnã (6,24%) (FAOSTAT, 2021; OEC, 2019).

Neste mercado há, pelo menos, dois tipos de pimenta comercializada: **Tipo 1**- Pimenta do gênero Piper, não triturada nem moída (Pimenta em grãos seca) e **Tipo 2** – Pimenta do gênero Piper, triturada ou moída (Pimenta em pó), nos atentaremos para a pimenta do Tipo 1, principal produto exportado pelo Brasil.



Neste ano de 2021 os principais destinos da produção brasileira foram: Alemanha, Emirados Árabes Unidos, Estados Unidos, Egito, Paquistão, Vietnã, Marrocos, Índia, Países Baixos (Holanda), quando se trata de blocos econômicos a pimenta brasileira abastece os mercados da Europa, União Europeia-UE, África, Ásia, Oriente Médio, América do Norte, Associação de Nações do Sudeste Asiático (ASEAN), Mercado Comum do Sul (MERCOSUL), Comunidade Andina das Nações (CAN), América Central e Caribe e Oceania (COMEXSTAT, 2021)¹⁵.

Observa-se, portanto, que no panorama produtivo mundial o Brasil adentra a Divisão Internacional do Trabalho (DIT) como um produtor de grãos, haja vista que a maior parte da produção brasileira se destina, ao mercado externo. Dito isso é necessário, portanto, entender como essa atividade está articulada no território brasileiro.

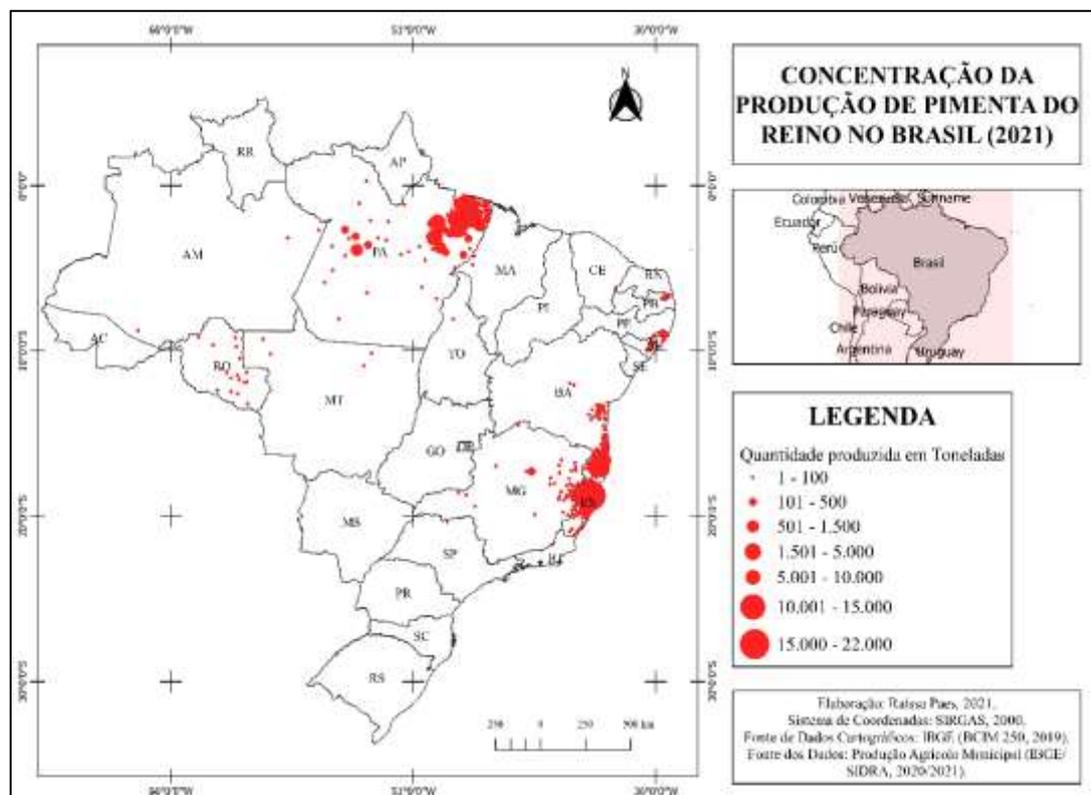
Dinâmica produtiva da pimenta do reino no Brasil

No cenário produtivo nacional o desenvolvimento da pipericultura está concentrado em pelo menos 12 Unidades de Federação¹⁶, todavia, a produção ocupa pontos específicos do território brasileiro (mapa 01).

¹⁵ Disponível para consulta no endereço: <http://comexstat.mdic.gov.br/pt/geral/46415>. Acesso: Out. 2021

¹⁶ Segundo o dados do IBGE os estados do Espírito Santo, Pará, Bahia, Alagoas, Minas Gerais, Rondônia, Paraíba, Rio Grande do Norte, Amazonas, Maranhão e Mato Grosso apresentam o desenvolvimento da pipericultura (IBGE, 2019).

Mapa 01. Concentração da produção de pimenta do reino no Brasil*



Fonte: Elaborado a partir dos dados do IBGE, 2021. *Em toneladas

As regiões norte e sudeste concentram a maior parte da produção isso deve-se, em grande parte, pelo desenvolvimento da atividade no estado do Pará e Espírito Santo, estes são os dois grandes centros de produção e exportação da **piper**, juntos são reponsáveis por mais de 90% do total de áreas de produção (ha), quantidade produzida (t.) e exportada do país. Reconhecendo a importância dessas UF's na produção brasileira, é importante realizar uma análise comparativa desses dois polos produtivos.

Tabela 1. Área colhida (ha) e Quantidade produzida de pimenta (t.) no estado do Pará e Espírito Santo – 2010 a 2020

UF	PA		ES		
	Área Colhida	Quantidade Produzida	Área Colhida	Quantidade Produzida	
ANO	2010	18.573	39.235	2.322	7.478
	2011	16.557	33.349	2.340	6.589
	2012	15.022	32.267	2.381	6.670
	2013	13.948	30.885	2.383	6.728

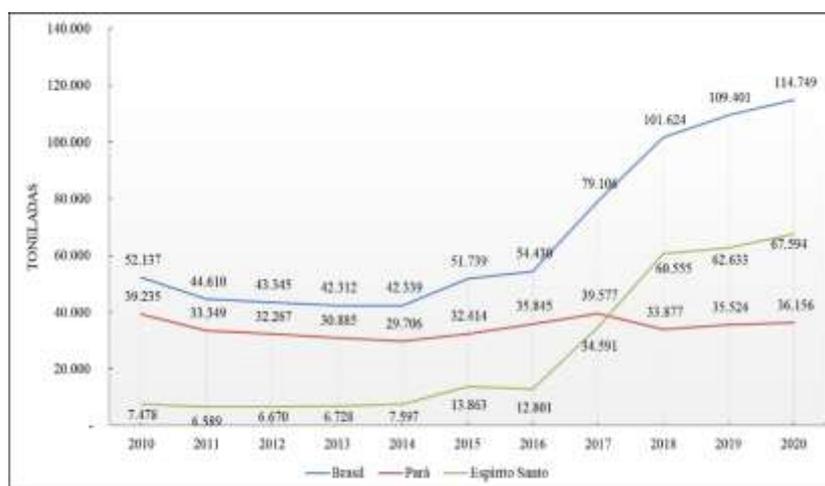


2014	14.236	29.706	2.665	7.597
2015	15.891	32.414	3.998	13.863
2016	16.668	35.845	6.800	12.801
2017	16.139	39.577	9.701	34.591
2018	15.683	33.877	15.208	60.555
2019	15.745	35.524	15.784	62.633
2020	16.365	36.156	17.100	67.594

Fonte: IBGE - Produção Agrícola Municipal, 2021.

O aumento das áreas destinadas ao cultivo e, conseqüentemente, de áreas de colhidas, somado a boa produtividade¹⁷ dos pimentais capixabas, proporcionou ao ES duplicar sua produção em 2018, tal acontecimento o eleva a condição de maior produtor nacional, enquanto que o estado do PA ocupa a segunda melhor posição no *ranking* produtivo brasileiro (Gráfico 03).

Gráfico 03. Produção de pimenta do reino Brasil, Pará e Espírito Santo (2010-2020)



Fonte: IBGE- Produção Agrícola Municipal, 2021.

De acordo com Vidal (2020) a expansão das áreas de cultivo no ES acompanharam as altas dos preços em 2015 a 2016, assegura a autora que o nível técnico da atividade tem contribuído para que o estado do ES venha apresentando bons índices de produtividade em relação ao estado do PA. Em sua análise:

No Pará, problemas fitossanitários têm provocado redução da vida útil das plantas e queda na produção; por outro lado, no Espírito Santo e na Bahia, tem ocorrido expansão da produção. Nesses estados, o cultivo é mais tecnificado, com grande parte da área irrigada, proporcionando maior produtividade e, também, crescimento da área plantada, principalmente no Espírito Santo. Assim, em 2018 o Sudeste ultrapassou o Norte na produção de pimenta-do-reino (VIDAL, 2020, p. 2).

¹⁷ O nível de produtividade dos pimentais do ES estão próximos a 3.953 kg/ha (IBGE, 2021).



Somado a isso, citamos, também, que a orientação técnica se apresenta como elemento essencial no bom desempenho dessa atividade, dos 17.477 estabelecimentos que produzem pimenta no estado do PA, apenas 8% (1.346) recebe algum tipo de orientação técnica, dos 11.725 estabelecimentos do ES cerca 33% declararam receber algum tipo de orientação (3.891) (CENSO AGROPECUÁRIO, 2017). Esse acompanhamento é essencial nesse tipo de cultivo, pois a pipericultura é uma atividade que necessita de cuidados gerais, principalmente, por se tratar de um cultura que exige uso de adubação química e orgânica para correção dos nutrientes do solo e para controle de pragas e doenças, agentes que influenciam a vida útil das pimenteiras e limitam sua produtividade.

Os estados do PA e ES concentram, também, o maior número de municípios com produção acima de 1.000 toneladas¹⁸, o município de São Mateus-ES é o maior produtor de pimenta do reino no Brasil, com 22.000 t, seguido pelo município de Jaguaré-ES com 8.200 t, Vila Valério-ES com 5.813 t, Rio Bananal-ES com 4.950 t e Tomé-Açú, primeiro município paraense a aparecer com proeminência no *ranking* produtivo nacional, com 4.950 t. (IBGE/SIDRA, 2020).

Chegamos a conclusão de que a produção de pimenta do reino no Brasil está concentrada em pontos específicos do território, na região norte o estado do PA se apresenta como principal produtor de pimenta do reino enquanto que na região sudeste, e no Brasil, o estado do ES assume essa condição desde 2017. Apesar do súbito crescimento da produção capixaba, no estado do PA a pipericultura ainda se mantém como uma das principais lavouras permanentes em desenvolvimento. É ao estado do Pará, na região norte, que dedicaremos a próxima seção.

Dinâmica produtiva da pimenta do reino no estado do Pará

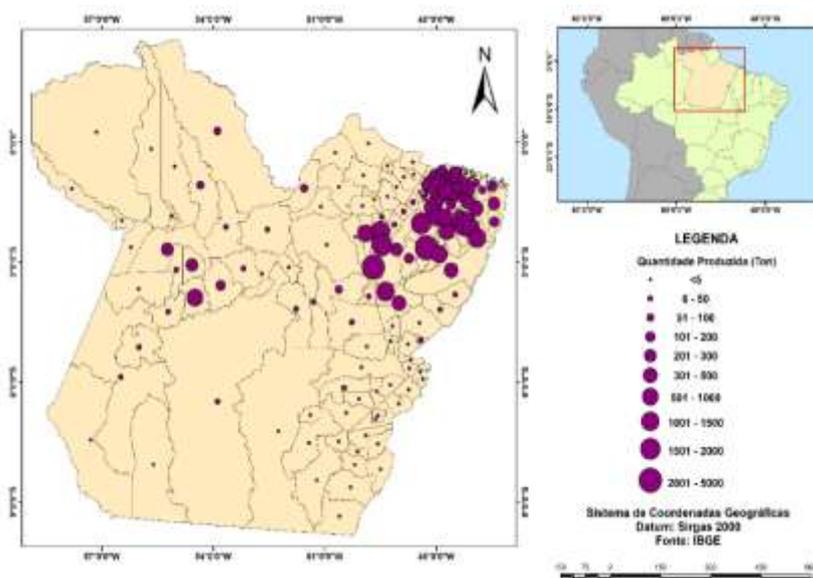
Apesar de hoje, ser o 2º maior produtor de pimenta do reino, o PA foi, historicamente, o pioneiro no desenvolvimento dessa atividade no Brasil. A formação de sua especialidade produtiva na pipericultura é atribuída aos nipônicos e aos cultivos de pimenta iniciados no município de Tomé-Açú. Na década de 1950 o estado consegue exportar as primeiras toneladas de pimenta do reino e assim, se inserir da dinâmica produtiva mundial do produto. Todavia, na década de 1960 a atividade sofre com uma crise produtiva provocada pela incidência de doenças que levaram a perda quase que instantânea dos pimentais tomeçacuenses (HOMMA, 2016).

É nesse contexto que a atividade vai expandir-se no estado, somado a isso os preços, fizeram com que muito outros produtores passassem a cultivar a pimenta, formando assim

¹⁸ Segundo o IBGE (2021) 12 são capixabas e, de igual modo, 12 são paraenses, os restantes são pertencentes ao estado da Bahia.

regiões produtivas. Atualmente, cerca de oitenta (80) dos 144 municípios que compõem esta UF produzem pimenta do reino, a maior parte deles localizados no nordeste paraense, principal região produtora do estado¹⁹ (Mapa 03).

Mapa 03. Produção de pimenta do reino no estado do Pará



Fonte: Elaborado a partir de dados do IBGE, 2021.

A pimenta do reino, produzida no estado do Pará, são exportados dos seguintes locais: ALF- Blém/PA, Porto de Santos/SP, Porto de Itaguaí/RJ, Porto do Rio de Janeiro/RJ, Porto de Suape/PE, Porto de São Francisco do Sul/SC, IRF-Chuí/RS, Jaguarão/RS, Aeroporto Internacional de São Paulo/Guarulhos-SP e Santarém (COMEXSTAT, 2021)²⁰. Os principais destinos da pimenta paraense podem ser visualizado na tabela 1.

Tabela 2. Os principais mercados abastecidos pela produção paraense

Origem/Pará	Destinos	Valor FOB (US\$)	Quilograma líquido
Origem/Pará	Alemanha	25.999.364	7.514.000
	Estados Unidos Países Baixos (Holanda)	10.514.548	3.299.999
	Índia	6.041.907	1.777.000
		3.619.168	1.117.000

¹⁹Quantidade produzida por mesorregião em 2020: Nordeste Paraense: 29.152 t., Metropolitana de Belém: 3.021 t., Sudeste Paraense: 2.022 t., Baixo Amazonas: 1.491 t., Sudeste Paraense: 400 t., Marajó: 70 t., (IBGE/SIDRA, 2020)

²⁰ Dados por URF- Unidade da Receita Federal, onde a mercadoria é despachada. Disponível em: <http://comexstat.mdic.gov.br/pt/geral/46406>. Acesso: out.2021



	Vietnã	2.684.808	1.003.000
	Emirados Árabes		
	Unidos	2.451.674	804.000
	Itália	2.039.875	598.000
	Egito	1.966.680	700.000
	Argentina	1.746.773	385.000

Fonte: Organizados a partir dos dados do COMEXSTAT, 2021²¹.

A Alemanha é uma das principais parceiras comerciais do Brasil e do estado do PA, cumpre destacar que neste país está localizado o grupo alemão FUCSH GRUPPE atuante no ramo da indústria de alimentos e especiaria, operando em 4 continentes e em pelo menos 9 países²². Ainda de acordo com os dados publicados pelo COMEXSTAT/MIDIC, no que tange a exportação por município no estado do PA, Castanhal lidera a produção deste gênero, seguido por Tomé-Açú, Santa Isabel do Pará, Santarém e Belém (COMEXSTAT, 2021)²³, deste modo, poder-se-ia afirmar que o município de Castanhal polariza o fluxo da produção de pimenta do reino no estado.

Circuito espacial da pimenta do reino no município de Cametá

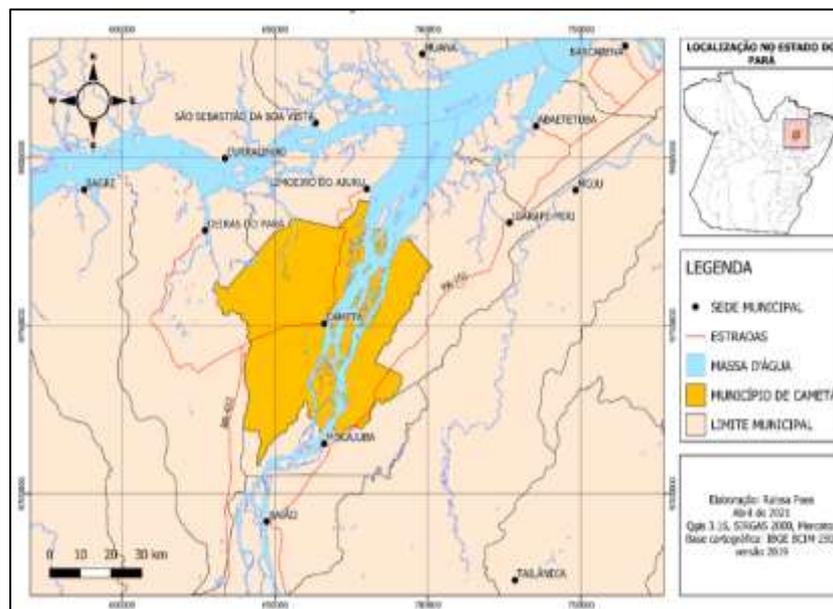
Nossa proposta de pesquisa busca compreender o papel que o município de Cametá desempenha no Circuito espacial da pimenta do reino, em termos geográficos de apresentação o município de Cametá, tomando como referência a antiga classificação do IBGE, está localizado no nordeste paraense, possui limites territoriais contíguos a Oeiras do Pará, Limoeiro do Ajuru, Mojuba e Igarapé Miri (Mapa 03), segundo o último censo, a população cametanense está estimada em 139.364 habitantes (IBGE/CIDADES, 2021).

²¹ Disponível para consulta em: <http://comexstat.mdic.gov.br/pt/geral/46407>. Acesso: Out. 2021

²² Informações podem ser consultadas no site oficial da empresa: <https://fuchsgroupe.com/de/ueber-uns>. Acesso: 10 de out. 2021.

²³ Assegura-se isso pelo fato dos quatro municípios apresentarem dados de exportação do produto no estado.

Mapa 03. Mapa de localização do município de Cametá-PA



Fonte: IBGE, 2021.

Sua inserção no circuito espacial produtivo da pimenta do reino é atribuída a década de 1960, período em produtores rurais cametaenses migram para o município de Tomé-Açu onde serviram de força de trabalho nos pimentais japoneses (SOUSA, 2002). Segundo o s.r. Silvio Shibata, muitos cametaenses chegaram a Tomé-Açu “a remo²⁴” (Informação verbal)²⁵. Com os conhecimentos adquiridos por esses trabalhadores e as linhas de créditos fornecida pela prelazia de Cametá (igreja católica) e Bancos (Banco da Amazônia – FNO) (SOUZA, 2002), o município sai da condição de fornecedor de mão de obra e passa a ser produtor de *commodity*.

O município atinge sua autosuficiência produtiva na década de 1970, no entanto, a atividade entra em declínio produtivo durante toda década de 1990 voltando a reerguer-se na década de 2000 (SOUZA, 2002), nas últimas duas décadas (2010-2020) a atividade vem apresentando índices produtivos positivos da atividade. Cametá é hoje o quinto (5º) maior produtor do estado do Pará e décimo sexto (16º) produtor nacional com quantidade produzida na safra/2020 de 1.943 t. (Tabela 03). Neste mesmo ano foram colhidos 600 ha de pimenta, o rendimento médio²⁶ da atividade alcançou os 3.238 Kg/ha (IBGE, 2021).

²⁴ Expressão usada para se referir ao transporte por canoas movidas pela força humana através de remos.

²⁵ Fala retirada de palestra ministrada pelo s.r. Silvio Shibata, presidente da ACTA- Associação Cultural de Tomé-Açu, a disciplina (Des)envolvimento territorial na Amazônia, ministrada pelo professor Dr. Benedito Ely Valente da Cruz a turma de geografia-2020, no dia em 10 de março de 2021.

²⁶ Quantidade produzida por hectare colhido (Kg/ha).



Tabela 03. Municípios produtores de pimenta do reino no Brasil com produção acima de 1.000 t.

POSIÇÃO	MUNICÍPIOS	T.
1	São Mateus (ES)	22.000
2	Jaguaré (ES)	8.200
3	Vila Valério (ES)	5.813
4	Rio Bananal (ES)	4.950
5	Tomé-Açu (PA)	4.800
6	Nova Venécia (ES)	4.118
7	Pinheiros (ES)	4.000
8	São Gabriel da Palha (ES)	3.438
9	Porto Seguro (BA)	3.360
10	Sooretama (ES)	3.000
11	Igarapé-Açu (PA)	2.880
12	Conceição da Barra (ES)	2.726
13	Boa Esperança (ES)	2.450
14	Capitão Poço (PA)	2.340
15	Baião (PA)	2.061
16	Cametá (PA)	1.943

Fonte: IBGE/SIDRA Produção Agrícola Municipal, 2021.

A pipericultura é desenvolvida em sua maioria pela agricultura familiar, de onde provém a maior parte da produção cametaense, 94% dos estabelecimentos agropecuários que são enquadrados nessa condição²⁷ (CENSO AGROPECUÁRIO, 2017). As principais áreas de cultivo estão próximas aos eixos rodoviários: Cametá-Belém (PA-151) e Cametá-Tucuruí (BR-422) o que facilita o escoamento da produção para os grandes centros urbanos.

É no eixo rodoviário Cametá-Belém que está localizado as vilas de Bom Jardim e Porto Grande, principais centros de produção do município²⁸, recortes espaciais da pesquisa, em visita realizada nos meses de Maio e Outubro de 2021, observou-se nas duas vilas um número expressivo de produtores e compradores de pimenta, o que reforça a afirmativa acima.

²⁷ Em Cametá 813 estabelecimentos produzem pimenta do reino, desses 45- Agricultura não-familiar, 768-Agricultura-Familiar (CENSO AGROPECUÁRIO, 2017).

²⁸ De acordo com informação verbal obtida na SEMADRE- Secretaria de Agricultura e Desenvolvimento Regional de Cametá e no escritório da EMATER-Cametá, os distritos de Bom Jardim e Porto Grande são os que se destacam na produção da pimenta do reino em Cametá.



No desenvolvimento da atividade predomina o trabalho manual exigindo mão-de-obra no plantio, tratos culturais, colheita e beneficiamento dos grãos, os problemas fitossanitários da cultura exigem também o uso de adubação química/orgânica para correção de nutricional do solo e controle de pragas comuns a espécie, os principais utilizados são torta de mamona, farinha de osso, NPK e calcário. Os gastos na atividade torna a pipericultura onerosa ao produtor, incidindo diretamente na sua condição e reprodução socioeconômica, tendo em vista isso o pipericultor não é um produtor puro, somado a pimenta do reino desenvolve outras atividades agrícolas.

A comercialização do produto ainda é realizada nos velhos moldes do comércio típico da região amazônica, sendo o intermediário elemento estruturante desse comércio que, no caso da pimenta do reino, ficaram conhecidos como *Os Barões da pimenta* (MALHEIROS; TRINDADE JR.; 2009), segundo Sousa (2002) a formação desse comércio intermediário se desenvolveu a medida que a atividade se expandiu no município em decorrência a derrocada da extração do látex na década de 1960-70.

Neste período a cidade exerceu papel central na circulação do produto, pois toda a produção do campo seguia para o distrito-sede, onde estava localizado o comprador, nessa época era por onde escoava a produção. Mas, com a abertura dos eixos rodoviários (PA-151 e BR-422), na década de 1970, e a presença de compradores no próprio lugar da produção, houve uma (re) organização do arranjo espacial do circuito espacial produtivo da pimenta do reino em Cametá²⁹. Hoje, o campo além de ser o lugar da produção é também o lugar de comercialização, isso tem provocado uma descentralização do papel da cidade na dinâmica de funcionamento deste circuito.

Apesar de não possuírem estruturas fixas no município de Cametá, as empresas mantêm círculos de cooperação com os compradores intermediários, “transferindo” a eles a função de compra do produto³⁰. Todavia, são essas empresas as responsáveis por colocar a produção, que é desenvolvida localmente, no mercado global, dito isso, percebe-se que a produção da mais-valia não se realiza em Cametá mas fora do município, sendo drenada em múltiplas escalas, sendo a escala global a determinante no processo de produção e apropriação da mais-valia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se concluir que dentro da dinâmica do circuito espacial de produção as frações do espaço desempenham um papel específico, inseridos numa lógica produtiva que, geralmente,

²⁹ Ver Malheiro e Trindade Jr. (2009).

³⁰ Informação verbal (Comprador, Vila Porto Grande, outubro de 2021).



escapa aos lugares, daí Santos (2001) defender que frente ao processo de mundialização da produção tem-se uma mais valia globalizada e Moraes (1985) enfatizar que os circuitos devem ser analisados sob a ótica da globalização.

Entende-se que Cametá, participa de um circuito espacial que tem uma circularidade mundial e como centro de produção, dá origem a fluxos mundiais de mercadoria. Por meio da pimenta do reino o mundo adentra a Cametá com um mercado moderno (porque exporta), porém as velhas estruturas de comercialização são mantidas, levando os produtores familiares, principais responsáveis pela produção local, a ficarem reféns da forma como o circuito se estrutura.

Isso se reflete na manutenção e/ou reprodução de uma estrutura da dominação econômica e política de pouca mobilidade social, favorecendo os agentes hegemônicos do capital. Mas quais as implicações na reprodução socioeconômica do produtor familiar de Cametá? É o que a presente pesquisa pretende responder com os resultados futuros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARROYO, M. A economia invisível dos pequenos. In: *Le Monde Diplomatique*. Edição nº 15, São Paulo, 2008. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/a-economia-invisivel-dos-pequenos/>. Acesso: 10 de out. De 2021.

BARRIOS, S. Dinâmica social do espaço. *Boletim Campineiro de Geografia*, v.4, n.2, 2014 [Tradução: Luciano Duarte e Gustavo Termatsu]. Disponível em: <Dinâmica social e espaço | Boletim Campineiro de Geografia (agbcampinas.com.br)>. Acesso em: 16 de set. De 2021.

DANTAS, A. Circuito espacial de produção e lugar. *Sociedade e Território*, v. 28, n. 1, p. 193 - 199, 2 ago. 2016.

FAO/FAOSTAT. Commodities By Contry. Disponível em: <https://www.fao.org/faostat/en/#rankings/commodities_by_country>. Acesso em: 11 jun.2021.

HOMMA, A.K.O. (Org.). A civilização da pimenta do reino na Amazônia. In: **A imigração japonesa na Amazônia: sua contribuição ao desenvolvimento agrícola**. Brasília, DF: Embrapa, 2016.

IBGE- Sistema IBGE de Recuperação Automática - SIDRA. Produção Agrícola municipal. Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/pam/tabelas>>. Acesso: 11 jun. 2021.

_____. Cidades/Cametá. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/cameta/historico>. Acesso: 03 jul.2021.

CENSO AGROPECUÁRIO. **Tabela 6966**- Número de estabelecimentos agropecuários com 50 pés e mais existentes da lavoura permanente (Unidades) 2017. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/6966#resultado>. Acesso: 22 out. 2021.



_____. **Tabela 6956** – Número de estabelecimentos agropecuário com 50 pés e mais existentes da lavoura permanente (Unidades)/ Município Cametá (PA), 2017. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/6956#resultado>. Acesso: 22 out. 2021

CASTILLO, R. FREDERICO, S. Espaço geográfico, produção e movimento: uma reflexão sobre o conceito de circuito espacial produtivo. **Sociedade & Natureza** [online]. 2010, v. 22, n. 3, p. 461-474.

INTERNATIONAL TRADE CENTRE. Trade Map - Estatísticas comerciais para o desenvolvimento de negócios internacionais. 2020. Disponível em: <https://www.intracen.org/>. Acesso: 03 de jul. 2021.

MALHEIROS, B.C.P. TRINDADE JR. S.C. Entre rios, rodovias e grandes projetos: Mudanças e permanências em realidades urbanas do Baixo Tocantins (Pará). In: _____. Et al. Pequenas e Médias Cidades na Amazônia. Belém: FASE; ICSA/UFGPA; Observatório Comova, 2009.

MARCONI, M. A. LAKATOS, E.M. Fundamentos da metodologia científica. 5º Ed., São Paulo: ATLAS, 2003.

MARX, K. Introdução à contribuição para a crítica da economia política. In: **Contribuição a Crítica da Economia Política**. 2.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008, p. 237-268.

COMEXSTAT/MIDIC. Exportação e Importação Geral. Disponível em: <http://comexstat.mdic.gov.br/pt/comex-vis>. Acesso em: 10 set. 2021.

MORAES, A.C.R. Os circuitos espaciais da produção e os círculos de cooperação no espaço. PPG: USP. São Paulo, 1985.

OECD- Observatory Of Economic Complexity. Pepper of the genus Piper, whole. Disponível em: <https://oec.world/en/profile/hs92/pepper-of-the-genus-piper-whole>. Acesso: 13 nov. 2021.

ROFMAN, A. Notas sobre subsistemas espaciais e circuitos de acumulação regional. Boletim campineiro de Geografia, v6, n.1, 2016. [Tradução: Luciano Duarte (UNICAMP) e Wagner Nabarro (USP)].

SANTOS, M. Circuitos espaciais da produção: Um Comentário. In: SOUZA, M.A (org). **A construção do Espaço**. São Paulo: Nobel, 1986, p.121-134.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 6. ed. Rio de Janeiro e São Paulo: Record, 2001.

SANTOS, M. Do meio natural ao meio técnico-científico-informacional. In: **A natureza do espaço: Técnica, razão e emoção**. 4.ed. São Paulo: EDUSP, 2006, p.156-173.

SANTOS, M. **Espaço e Método**. 5 ed. São Paulo: EDUSP, 2014a [1985].

SANTOS, M. **Metamorfoses do Espaço Habitado: Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Geografia**. 6 ed. São Paulo: EDUSP, 2014b [1988].



SANTOS, M. SILVEIRA, M. L. **Brasil: Território e Sociedade no século XXI**. 20 ed. Rio de Janeiro: RECORD, 2020.

SOUSA, J. R. V. **Campesinato na Amazônia: da subordinação à luta pelo poder**. Belém: NAEA, 2002. 212p.

VIDAL, F. **Evolução do cultivo de pimenta-do-reino na área de atuação do BNB**. Caderno Setorial ETENE, Ano 5, nº 146, dezembro de 2020. Disponível em: <https://www.bnb.gov.br/documents/80223/8330297/2020_CDS_146.pdf/32584f2b-b9f9-9754-1fd3-d285be923804>. Acesso: 22 out. 2021.